

---

## Conceituações sobre ‘convergência jornalística’ em programas de pós-graduação *stricto sensu* em jornalismo do Brasil<sup>1</sup>

David Candido dos SANTOS<sup>2</sup>

Paula Melani ROCHA<sup>3</sup>

Hendryo Anderson ANDRÉ<sup>4</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

### RESUMO

O texto busca identificar as principais conceituações acerca do que se convencionou a chamar de “convergência jornalística”. Realizou-se uma varredura a partir do radical “*converg*” em 202 dissertações defendidas, entre 2009 e 2022, nos programas de pós-graduação acadêmicos *stricto sensu* em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O recorte se atém às dissertações de 2009 a 2022 do Programa da UFSC, e às defendidas entre 2015 e 2022 no Programa da UEPG. Ao todo, foram selecionados 15 estudos da UEPG e 48 da UFSC que tratam diretamente da questão da convergência jornalística. A explanação da análise expressa que os percursos metodológicos das pesquisas que foram relacionadas a convergência jornalística apresentam uma disforia de abordagens e base teórica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; convergência jornalística; pesquisa bibliográfica.

### INTRODUÇÃO

O jornalismo está entre as profissões que mais passaram por transformações — tecnológicas, econômicas, políticas e culturais — desde o advento da internet. Mudanças que atingem as rotinas e processos produtivos e a circulação e o consumo noticioso. Tais alterações exigem do campo de pesquisa uma série de ações para compreender aspectos do que Anderson, Bell e Shirky (2013) chamam de novo ecossistema do jornalismo. Questões ligadas à crise das democracias contemporâneas (Kakutani, 2018) e à ampliação da desconfiança sobre o jornalismo (Toff *et al.*, 2020), à desinformação (Wardle; Derakhshan, 2017; Bucci, 2023), à plataformização (Ramírez, 2021), à pós-verdade (Träsel; Lisboa; Vinciprova, 2019; Zarzalejos, 2017), ao incremento da inteligência artificial nas rotinas produtivas (Simon, 2022) são apenas algumas das facetas mais contemporâneas que indicam espaços de atenção para a pesquisa em Jornalismo.

Por outro lado, certamente com relevância desde os princípios da internet comercial, datada no Brasil a partir de meados da década de 1990, o conceito de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando Bolsista Capes do Curso de Jornalismo da UEPG, email: [davidcandidods@gmail.com](mailto:davidcandidods@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Sociais, Professora do Curso de Jornalismo da UEPG, email: [paulamelani@gmail.com](mailto:paulamelani@gmail.com).

<sup>4</sup> Doutor em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista de pós-doutorado (PNPD/Capes) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: [hendryoandre@gmail.com](mailto:hendryoandre@gmail.com).

---

convergência, embora não definitivo, talvez seja um dos que mais chamam a atenção da comunidade científica. Em particular no campo de estudos científicos sobre os processos jornalísticos está amarrada a necessidade se pensar em formas de produzir e consumir jornalismo. O número de estudos que se debruçam sobre esse campo, contudo, ainda é exíguo no país. A título de exemplificação, das 13.070 teses e dissertações encontradas na base de dados da Capes (Capes, 2023), apenas 147 estão na Área de Concentração *Jornalismo* e 54 na área Processos Jornalísticos. As demais estão alocadas em programas de outras áreas. O filtro por nome do programa também mostra que de todo o universo pesquisado, somente 238 pertencem à categoria Jornalismo.

Com base nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo geral apresentar um mapeamento das dissertações atravessadas pelas noções de convergência jornalística desenvolvidas nos programas de pós-graduação (PPGs) acadêmicos *stricto sensu* em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para isso, foi realizada uma varredura a partir do radical “converg” em 202 dissertações e teses defendidas, entre 2009 e 2022, nos dois programas. Após a exclusão de pesquisas que citavam o termo apenas de forma eventual, foram selecionados 63 estudos que tratam diretamente da questão da convergência jornalística.

Para compreender o cenário, primeiro há uma discussão sobre convergência jornalística a partir dos dois programas acadêmicos *stricto sensu* concentrados em jornalismo no país — tanto a partir das dissertações e teses defendidas quanto a partir das ementas das disciplinas que lidam com o fenômeno. Antes da análise dos 63 estudos selecionados é realizada uma revisão bibliográfica sobre o conceito de convergência jornalística. Os resultados mostram que as dissertações se apoiam em diversas abordagens e filiações do conceito, o que exprime a variedade de percursos metodológicos e arcabouços teóricos que amarram a discussão sobre convergência jornalística.

## **CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Mesmo que este trabalho discuta especificamente convergência jornalística, estas indicações servem para todas as linhas de pesquisa e conceitos do campo científico do Jornalismo, que devem ter como objetivo final aprimorar a prática e a ciência. Indicações elaboradas por Machado (2004) e Gadini (2005), num outro contexto acadêmico brasileiro, revelam que as pesquisas em Jornalismo estavam alocadas em programas interdisciplinares e da área da Comunicação ou da grande área das Ciências

Sociais Aplicadas, visto a falta de escolas concentradas em Jornalismo. Por meio de um breve mapeamento dos grupos de pesquisa cadastrados no diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq<sup>5</sup>, a partir das palavras-chave convergência jornalística, convergência e *jornalismo* ou *processos jornalísticos*<sup>6</sup>, mostra-se que esse cenário continua o mesmo.

Dos nove grupos que estudam convergência e jornalismo ou convergência jornalística – objeto de estudo deste artigo –, dois são de PPGs *stricto sensu* em Jornalismo, um deles pertence a um Departamento de Jornalismo, e seis são advindos de programas de Comunicação. Todos com contribuições expoentes para a grande área das Ciências Sociais Aplicadas, com destaque para o Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online (GJOL) criado em 1995 na Universidade Federal da Bahia, pioneiro na área.

Esses dados não significam falta de esforços dos programas ou cursos de Jornalismo, ou que os programas em Comunicação produzem material intelectual com melhor qualidade, visto que ambas as áreas são confluentes nas redes e grupos de pesquisa, mas isso exprime a escassez de Programas *stricto sensu* em Jornalismo. Principalmente quando há uma crescente precarização da estrutura pública brasileira, com lapsos de governos recentes, o que afeta até mesmo as universidades privadas.

Exemplo disso é a Cásper Líbero, faculdade que abrigou o primeiro curso de Jornalismo do Brasil, criado em 1947, mas que em 2022 fechou o programa de Mestrado em Comunicação<sup>7</sup> — que tinha linha de pesquisa em Jornalismo — e demitiu parte dos docentes. Também o Programa em Comunicação da Unisinos, referência na ciência internacionalmente e em processo de desmonte desde 2022<sup>8</sup>.

Outra expressão da escassez, é que de 56 PPGs listados no índice da Compós<sup>9</sup>, apenas três são de Jornalismo. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e os dois únicos Programas acadêmicos e públicos de Pós-Graduação *stricto sensu* em Jornalismo do Brasil, ambos no Sul, na UEPG e na UFSC.

---

<sup>5</sup> Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp> Acesso 10 de julho de 2023.

<sup>6</sup> Com casos específicos: o grupo GJOL (UFBA) e o grupo Gemidi (UEPG), ambos não foram encontrados pelo filtro das palavras mas foram adicionados pela expressividade

<sup>7</sup> Compós e Coordenador de Área denunciam fechamento de Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. Disponível em: <https://bit.ly/3KIRbbd>. Acesso em 12 de julho de 2023.

<sup>8</sup> Portal G1 - Universidade do RS fecha 12 programas de pós-graduação. Disponível em: <http://glo.bo/3QCxLZe>. Acesso em 12 de julho de 2023.

<sup>9</sup> Índice de programas de pós-graduação da Compós. Disponível em: <https://compos.org.br/programas/> Acesso 10 de julho de 2023.

Quadro 1 - Classificação dos grupos de pesquisa do Diretório do CNPq de acordo com ano e linhas de pesquisa (1995-2023)

Grupo	Criação	Palavras-chave
GJOL (UFBA)	1995	Comunicação e Cultura Digital; Jornalismo Online.
Nujoc (UFPI)	2005	Comunicação Organizacional; Comunicação x Desinformação; Economia Política do Jornalismo; História e Memória do Jornalismo; Jornalismo e Produção Cultural; Mídia e discurso; Processos e Práticas do Jornalismo; Teorias da Comunicação; Webjornalismo: Processos e Práticas nas Sociedades Atuais.
Gemidi (UEPG)	2007	Lógicas e Processos de Produção Jornalística.
Hipermídia e Linguagem (UFSC)	2007	Rede De Pesquisa Aplicada Jornalismo E Tecnologias Digitais
Mídia, Identidade e Regionalidade (UFMS)	2010	Estudos televisivos; História da Imprensa de Mato Grosso do Sul; Mídia Impressa; Radiodifusão na Fronteira.
Conjor (Ufop)	2010	Estudos de som; Métodos digitais.
Jornalismo em Redes e Convergência (Unipampa)	2013	Comunicação como Indústria Criativa; Comunicação em Redes Digitais; Convergência Jornalística; Inovações no Jornalismo; Jornalismo Audiovisual Digital; Jornalismo Digital; Webtelejornalismo.
Jocon (UFPI)	2019	Redes sociais digitais e interatividade; Webjornalismo e práticas de convergência midiática.
Proji (UFCA)	2021	Reconfiguração profissional no jornalismo; Tecnologias aplicadas ao jornalismo.

Fonte: Diretório de grupos de pesquisa do CNPq

Essa discussão antecede a compreensão das conceituações sobre convergência jornalística para pontuar que, vislumbrar o contexto de escassez de PPGs *stricto sensu* em Jornalismo no Brasil também é tentar desbloquear alguns caminhos para o aprimoramento intelectual da profissão e desenvolvimento científico do campo no país. Justo em um momento de preocupação com a distribuição de informação e a desinformação, agravada no ambiente digital, com a reconfiguração das rotinas produtivas e a precarização de modelos de negócios jornalísticos. O que pede atenção do campo científico que estuda os processos jornalísticos, a reestruturação do Jornalismo como prática.

No universo do objeto empírico há esforços específicos para estudar as dinâmicas dos processos jornalísticos. Portanto, antes de trazer a análise das dissertações, desenha-se um breve panorama das pesquisas que, como aponta Moura *et al.* (2015),

“tratam da capacidade de transformação e invenção do jornalismo [...]” e, conseqüentemente, da convergência jornalística. Desse modo, a discussão teórica baseia-se nas temáticas das disciplinas dos Programas da UEPG e UFSC.

A configuração de 2022 da disciplina *Jornalismo e Convergência Tecnológica* do Programa em Jornalismo da UEPG, ministrada pelos docentes Graziela Bianchi, Cintia Xavier e Rafael Schoenherr. A bibliografia de 2023 do *Seminário Temático em Mídias Digitais*, lecionado por Ivan Bomfim e Hendryo André. E os textos ofertados em 2023 na disciplina *Estudos e Tendências em Cibercultura*, do grupo de pesquisa da SBPJor-Jortec, ministrada por docentes de nove PPGs de instituições públicas de ensino: Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC), Universidade Federal do Maranhão (PPGCOM/UFMA), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (PPGCOM/UFMS), Universidade Federal do Pampa (PPGCIC/ Unipampa), Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA), Universidade Federal do Paraná (PPGCOM/UFPR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/ UFRGS), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal Fluminense (PPGMC/ UFF).

## **O GUARDA-CHUVA CHAMADO CONCEITO DE CONVERGÊNCIA**

Uma revisão bibliográfica sobre o conceito de convergência jornalística é comumente diversa e pode levar a várias facetas, até porque nem todos os pesquisadores que abordam o assunto usam essa terminologia. Bronosky e Cabral (2022) apontam a multiplicidade de termos adotados para tratar do uso de tecnologias e da internet no jornalismo, além de traçar um panorama de seus usos ao longo do tempo, identificando ascensões e quedas, assim como substituições. O que confirma o histórico do conceito.

Na sua trajetória, o debate foi acatado por vários autores que na força inerente da reconfiguração do jornalismo, que não é de agora, propuseram-se a investigar que caminhos o Jornalismo toma nesse contexto. Isso caracteriza o conceito de convergência jornalística como mais uns dos que se abrigam no conceito de cultura da convergência de Jenkins (2008). Pela difusão teórica e lógica que circunscreveu o contexto de preconização do conceito, Jenkins acertou mercadologicamente ao abordar a partir da tecnologia as transformações que iam além de um aparelho e flexionam a cultura. O esforço de abstração do autor serve como esboço de pensamento para várias áreas acadêmicas e assim foi usado largamente, às vezes criticamente e às vezes como pedágio.

---

## CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA

Ao se propor desenvolver esquemas interpretativos das principais clivagens teóricas na interface entre jornalismo e convergência, no início da disciplina de convergência da UEPG, o conceito foi tratado como um “desafio ao campo teórico do Jornalismo” devido a “entraves e redefinições na ‘importação’ de um conceito”. Nestas seções, o artigo de revisão dos 25 anos de investigação sobre jornalismo digital de Salaverría (2019) aponta a trajetória dos estudos e os principais focos de pesquisa.

Ao definir os entendimentos de convergência jornalística, Salaverría *et al.* (2010) dizem que relacionada à prática trata-se do processo de concentração de redações, estratégia usada pelas empresas para contornar os desafios impostos pelo digital e aumentar a produtividade de suas equipes (*ibid.*, 2010). Já no mundo acadêmico o conceito se alarga, vai de ser entendido como uma integração de redações a novas perspectivas acadêmicas do fenômeno. Mas pode ser caracterizado segundo o autor como:

Processo multidimensional que facilitado pela implantação geral das tecnologias digitais de comunicação afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação. Isso propicia uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens que anteriormente eram separadas, de uma forma que os jornalistas elaboram conteúdos que são distribuídos através de múltiplas plataformas, mediante a linguagem de cada plataforma (*ibid.*, 2010, p. 41).

Esse abre é essencial para problematizar o real cenário convergente, principalmente para as pesquisas em Jornalismo, que não é passivo e deve ser moldado pela atividade prática e esforço científico. Ademais, foi dada uma atenção especial às reinvenções do radiojornalismo, especialmente no Brasil, e a televisão no contexto convergente. Também aos conceitos de jornalistas convergentes e convergência de redações. E por fim as tendências de estudo sobre o Jornalismo Digital Convergente.

No caso da disciplina *Seminário Temático em Mídias Digitais* da UEPG, que visa constituir um espaço de debate e reflexão a respeito de distintas perspectivas temáticas que envolvem a vasta discussão acerca da interface entre as mídias digitais e o jornalismo, pode-se tirar algumas conclusões sobre o contexto histórico que perpassa o conceito de convergência jornalística.

Isso porque o plano de aula debateu a sociedade em rede, cibercultura e ciberespaço a partir de Castells (2016), autor que traz a noção do poder da comunicação na sociedade que agora está em rede, e da problematização da utopia de Levy (1999) ao

---

passar panoramicamente sobre os problemas que a internet poderia trazer a sociedade que mesmo em rede e conexão enfrenta avarias. Também é discutida a linguagem digital e convergência, onde Santaella (2007) oferece lógicas para essa enxurrada de novas linguagens. Ela afirma que no contexto convergente “há três matrizes na multiplicidade dos sistemas sógnicos, que se combinam e originam formas de linguagem e processos de comunicação” (Santaella, 2007, p.76), que se chamam convergentes na generalidade, mas que possuem uma matriz lógica.

Dado o embasamento da relação entre poder, comunicação e os contextos históricos e tecnológicos, a disciplina propiciou debates sobre Humanidades digitais, Dataficação e Algoritmos, Plataformização, Pós-verdade e Inteligência artificial e jornalismo. Temáticas latentes para entender o processo de produção e consumo do Jornalismo no século XXI.

Iniciando o semestre agora, na segunda metade de 2023, a disciplina da UFSC, em consonância com outras do país, elabora algumas discussões acerca do jornalismo e a convergência. Abordagens que mostram e exemplificam as atuais preocupações dos pesquisadores em Jornalismo quando pensam na atividade jornalística. Os temas passam pelo pensamento e pensadores da Cibercultura, pelos fenômenos da Cibercultura, tecnologias digitais, Jornalismo e Cibercultura e para fechar, métodos digitais e técnicas de pesquisa aplicada em Comunicação.

As bibliografias dessas disciplinas são caminhos para estudar a convergência ou melhor, entender o jornalismo no atual contexto, já que a convergência não é assunto novo. Mesmo que algumas coisas escapem, o empenho das ementas é visível ao revelar preocupações perenes da área e que devem ser tomadas pelos pesquisadores.

## ***CORPUS EMPÍRICO***

Mesmo existindo três Programas *stricto sensu* em Jornalismo no Brasil, optou-se pela análise das dissertações dos mestrados acadêmicos. O recorte do artigo se atém às dissertações de 2009 a 2022 do Programa da Universidade Federal de Santa Catarina, e às dissertações defendidas entre 2015 e 2022 no Programa da Universidade Estadual de Ponta Grossa, visto que as defesas de 2023 ainda não foram concluídas.

A UEPG oferta o curso de mestrado acadêmico em Jornalismo desde 2013, com as primeiras defesas em 2015. Disponibiliza digitalmente em seu site 52 dissertações defendidas entre 2015 e 2023. Para o recorte estabelecido, o *corpus* da UEPG é formado



por 50 dissertações de 2015 a 2022. Mais cedo, a UFSC abriu o mestrado acadêmico em 2007 e teve as primeiras defesas de dissertações em 2009, com um total de 156 entre 2009 e 2023. Para o recorte do *corpus*, ficam 152 dissertações defendidas entre 2009 e 2022, seis anos a mais que a UEPG.

Com as 202 dissertações recortadas começa o processo de seleção. Elas são abertas uma a uma e na ferramenta CTRL+F do notebook, que permite localizar determinada palavra no documento digital, digita-se a palavra “converg”. A intenção era ter como resultado palavras derivadas do radical “converg”, como *convergência*, *convergente*, *convergem* e nomenclaturas em língua estrangeira. As dissertações que deram resultados a partir da pesquisa da palavra “converg” passam por um segundo momento, a avaliação de como é usado o termo.

Às vezes, o pesquisador ou pesquisadora usou a palavra em outro sentido que não tem nada a ver com o debate sobre convergência jornalística, mas sim com a indicação da convergência como um ponto de identificação de diferentes esferas. Quando identificada qualitativamente, a entrada da pesquisa sobre o conceito de convergência foi feita a inclusão no *corpus* de dissertações que abordam o conceito-chave.

Não havendo resultado compatível a palavra “converg”, a busca era quantitativa, pois via CTRL+F buscava-se termos como webjornalismo, redes sociais, online, digital e outros, e qualitativa ao analisar ao mesmo tempo resumo, sumário e demais estruturas do trabalho. O esforço era procurar em algum lugar da dissertação uma discussão relacionada à convergência jornalística a fim de pontuar rigorosamente que mesmo não citando ou abordando o conceito de convergência jornalística dá pistas sobre o debate ou não.

É importante frisar que o passeio pelas dissertações foi proveitoso. Calmo e exploratório, tendo como foco uma reflexão crítica e conceitual que oferecesse lógicas das conceituações sobre convergência jornalística, magistralmente apresentadas pelos mestrandos da UEPG e UFSC.

## **A ESCOLA DE SANTA CATARINA**

Com um total de 152 dissertações defendidas entre 2009 e 2022, tem 48 dissertações que entram no debate sobre convergência. Em 2009, de sete dissertações, apenas Virissimo (2009) cita *convergência* no resumo. No capítulo 2. a pesquisadora discute o conceito e examina as implicações na prática jornalística da disseminação de informação *on-line* em circulação no ‘ciberespaço’ em diferentes esferas, e discute as



---

mudanças no processo de produção informativa nas empresas jornalísticas ‘multimídia’ em termos de ‘integração redacional’ e ‘convergência de conteúdos’.

Em 2010 de seis trabalhos, dois se apoiam no debate. Amaral (2010) no capítulo 2. “Infográfico jornalístico no webjornalismo” cita a ‘multimedialidade’ observada no infográfico jornalístico (Palacios, 2002) a partir do principal conceito abordado na dissertação, ‘a convergência de mídias tradicionais’ na narração do fato jornalístico. E Luz (2010), que tem como pressupostos que o cenário de ‘convergência tecnológica’ e o ambiente empresarial de acirrada concorrência influenciam diretamente a conformação das empresas de mídia e seus produtos, partindo da hipótese de que as condições profissionais e de infraestrutura influenciam a produção ‘web jornalística’.

No ano de 2011, de 11 dissertações quatro entram no escopo. Barcelos (2011) no problema de pesquisa cita que agora a ‘convergência’ ressurge como um importante ponto de referência, à medida que novas e velhas empresas tentam imaginar o futuro da indústria do entretenimento. Também frisa que, cada vez mais, líderes da indústria midiática estão retornando à convergência como uma forma de encontrar sentido, num momento de confusas transformações. A convergência segundo ele é, nesse sentido, um conceito antigo presumindo novos significados (BARCELOS, 2011, p.15 *apud*. JENKINS, 2008, p. 31).

Weber (2011) nesta investigação, uma pesquisa exploratória com método descritivo analítico, a ‘convergência’, em suas múltiplas faces, é tomada como pano de fundo para os processos aqui analisados. Lenzi (2011) já em seu título aponta a discussão sobre ‘convergência’ como um contexto; os conceitos que pautam esta pesquisa: ‘multimídia’, ‘hipermídia’ e ‘convergência’. Por fim, Teixeira (2011), na introdução escreve que torna-se cada vez mais relevante o emprego pelos jornalistas das potencialidades do contexto de ‘convergência’ – que propõe a integração das linguagens dos meios anteriores ao advento da web na produção de conteúdo, misturando a profundidade da imprensa, a simultaneidade do rádio e a imagem da televisão (VIVAR; GUADALUPE, 2005, p.26-27); da ‘interatividade’ (ALVES, 2006, pp.95-96) e da ‘multimedialidade’ (ALBORNOZ, 2007, p.26; REZENDE, 2000, p.38)

Em 2012, de 12 dissertações, duas abordam o tema. Nicoletti (2012) frisa que em uma busca exploratória preliminar à definição do escopo da pesquisa, percebeu-se que quase inexistem (2012) referencial teórico sobre os conflitos entre o indivíduo jornalista e o profissional público nas redes sociais. Além disso, também não foram identificados

---

pesquisas ou autores que analisam as políticas de uso para estas mídias. Dois aspectos extremamente importantes para a análise da prática jornalística e sua reconfiguração no atual cenário de ‘convergência midiática’, de acordo com a pesquisadora.

Flores (2012) no capítulo 2 “Jornalismo contemporâneo, um cenário convergente” desenvolve que para a pesquisa, compartilha-se do conceito de Janet Kolodzy (2006) que delimita a ‘convergência no jornalismo’ como uma nova maneira de pensar a atividade. O processo deve envolver todas as instâncias de produção da notícia, usando todo o potencial das mídias para alcançar um público diverso e crescentemente disperso. A convergência redireciona a missão principal do jornalismo - informar o público sobre seu mundo da melhor forma possível." (KOLODZY, 2006, p.4).

Já em 2013, de 15 dissertações seis estão no *corpus* empírico. Anunciação (2013) propõe investigar o processo de produção de jornal-laboratório no contexto da ‘convergência’, a partir da constatação sobre as profundas transformações pelas quais passa o ensino de jornalismo na contemporaneidade. Oliveira (2013) cita a ‘convergência’ ao dizer que há a percepção de que a relação dos aplicativos com alguns dos atributos do jornalismo *online* (como a interatividade, a usabilidade, a convergência, a multimídia e a hipertextualidade) é capaz de promover inovações no processo de recepção do conteúdo noticioso. Sousa (2013) estuda a dinâmica da notícia a partir das particularidades e especificidades do *Twitter* e *Facebook*, espaços que podem condicionar a forma de apresentação e o conteúdo das postagens e as ações participativas dos usuários. A convergência é uma das categorias de análise e no capítulo 1 “Notícia: Dos Boletins Às Redes Sociais Na Internet” discute 1.1 “O Jornalismo No Contexto Da Convergência”.

Frazão (2013) Para falar de ‘jornalismo participativo’, usa Sérgio Mattos (2010, p. 26-27) que descreve sete momentos da televisão brasileira desde sua criação. Durante a primeira década do século XXI, ocorre a sexta etapa: a da ‘convergência’ e qualidade digital, precisamente quando a Internet se populariza e com ela a interatividade, atrativo para o público e uma medida irrevogável a ser adotada pelos meios de comunicação tradicionais, incluindo a televisão. Apoiando-se na ‘convergência’ para se referir “ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2008, p. 27), que permitem variar a busca pela informação e entretenimento entre várias plataformas informativas.

---

Silva (2013) analisa a reconfiguração da leitura da webnotícia no contexto da ‘convergência digital’. Diz que Jenkins (2008) acredita que a complexidade que permeia a comunicação contemporânea ultrapassa a questão das técnicas, abrangendo os processos culturais – intenso fluxo das informações pode circular por diferentes canais, onde novas e antigas mídias dividem espaço, tornando-se híbridas, é chamada pelo autor de cultura da convergência. “Uma transformação cultural à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2008, p. 28).

Tavares (2013) conclui que os indígenas incorporaram as dinâmicas da sociedade em rede, da convergência e a política democrática e o *modus operandi* do jornalismo de publicização da informação desenvolvendo negociações que permitam alcançar objetivos individuais e comunitários. A hipótese principal desta pesquisa é que as ciber-informações nativas são produzidas pelos povos indígenas na busca para se adequarem à sociedade em rede e que as estratégias para circular informações entre si e para a sociedade envolvem uma convergência de atitudes e comportamentos, no que Jenkins (2008) descreveu como uma interligação da tecnologia com a esfera cultural.

Em 2014, de 15 dissertações cinco buscam a convergência. Thibes (2014) Na introdução diz que o rádio está sendo reformulado para se adequar às necessidades existentes devido ao cenário da ‘convergência’. No qual o profissional deve ter capacidades multimídia, mas também as estruturas das redações devem ser modificadas, as narrativas passam por novas formas de construção e novos dispositivos tecnológicos são introduzidos (Barbosa, 2008, p.2).

No capítulo 2 “As Webrádios No Contexto Da Convergência” discute a ‘convergência jornalística’. Gomes (2014) na introdução traz a ideia de ‘convergência jornalística’. Diz que a mobilidade é uma das principais características do rádio. Diante das recentes e profundas inovações tecnológicas da comunicação buscamos compreender como esta afeta e transforma o radiojornalismo. O estudo se detém nas técnicas de produção, com ênfase na atualidade. As reflexões de diversos teóricos sobre a ‘convergência das mídias’ contribuem para pensar sobre o rádio neste cenário de transformações.

Avrella (2014) no capítulo 1 entra no debate sobre ‘convergência’ e ‘convergência midiática’ ao dizer que a inserção dos meios convencionais em uma nova plataforma que serve tanto para busca quanto para difusão de informações potencializou

a criação dos websites, onde as emissoras de rádio, por exemplo, veiculam não apenas o áudio que é a sua essência, mas também vídeos, textos e fotos. Este fenômeno é chamado por Henry Jenkins (2008) de convergência, que o autor entende como: O fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p. 27). Os resultados obtidos indicam que as emissoras têm a produção e programação voltadas para o âmbito local e regional, no entanto, com conteúdos originários de diversas fontes de captação.

Vieira (2014) no título usa ‘jornalismo online’, no capítulo 2 e intertítulo 2.1 “Normas de conduta para a mídia digital brasileira”, fala que são muitas as justificativas para se pensar num documento normativo para as mídias digitais: após quase 20 anos de jornalismo online (o site do Jornal do Brasil, primeiro de um veículo jornalístico, é de 1995), há estudos consistentes que comprovam as especificidades dos meios digitais, tais como hipertextualidade, interatividade, multimidialidade ou convergência, personalização, atualização contínua, memória e taticidade, está incluída recentemente visando as interfaces móveis (MIELNICZUK, 2003; PALACIOS, 2003; CUNHA e PALACIOS, 2012). Afirma que ‘Convergência e integração é também isso: assumir e corrigir erros’.

Bertolini (2014), numa pesquisa sobre os títulos jornalísticos na internet, busca identificar os principais tipos de título na web, e apontar características deles a partir de comparação com títulos de meios impressos. pela multiplicidade de termos associados a ‘convergência’, por ora destaca-se as ligadas a ‘convergência jornalística’. De acordo com o pesquisador, citando Scolari (2008, p. 207), no ambiente da convergência jornalística, o profissional deve ter pelo menos três polivalências: funcional ou tecnológica (base do profissional multimídia), temática (sai de cena o setorista e entra o generalista) e midiática (trabalha para vários meios ao mesmo tempo). Também traz Barbosa (2009, p. 2) que entende que a convergência jornalística é um processo sujeito a gradações e em evolução contínua, em que o fator tecnológico é primordial, mas não o único a desencadeá-la”.

De 2015 a 2022, a UFSC teve mais 86 defesas, 28 são parte do *corpus* empírico. A partir de 2015, passa a dividir com a UEPG a produção de dissertações. Observa-se que várias temáticas desde 2015 se confluem. Por isso, a exposição da análise, por ora, se atém às dissertações da UEPG que iniciam suas defesas em 2015.

---

## ESCOLA DOS CAMPOS GERAIS

Das 50 dissertações da UEPG 15 fazem parte do escopo que discute a convergência. Na primeira leva de dissertações, em 2015, dos 7 trabalhos, 5 abordaram o conceito. Santos (2015) no capítulo 2 “Jornalismo no séc. XXI e as reconfigurações na produção e no consumo”, apoia-se em Barbosa (2009) e discute a convergência jornalística. Segatto (2015) indica na introdução a discussão do capítulo 2 “*Web* e participação social”, onde fala sobre ‘convergência de mídias e meios’ e webjornalismo ligado ao potencial de articulação dos movimentos via *web*.

Silva (2015) no capítulo 5 “As competências do editor no Diário dos Campos e na Gazeta do Povo” cita a convergência usando Jenkins (2009) e destaca o desafio dos ‘novos meios’. Já no capítulo 6 apresenta ementas de cursos de especialização, para jornalistas que pretendem ser chefes e pincela sobre a ‘convergência multimídia’ e ‘convergência de redações’. Júnior (2015) na introdução cita a ‘convergência’ entre as antigas e novas mídias e a característica do poder público de atualizar suas ferramentas de comunicação, sustentado por Jenkins (2009). Também escreve sobre convergência como risco e oportunidade, convergência e reestruturação de redações.

E por fim, Dancosky (2015) que aborda a ‘convergência’ como uma modificação social e não só tecnológica (Jenkins, 2009). Usa termos como ‘convergência de múltiplos formatos’ e ‘multimedialidade/convergência’ de Palacios *et al.* 2002. Todos esses pesquisadores foram os primeiros estudantes do Programa a debater a convergência.

Santos (2015), foi a primeira a usar o conceito convergência jornalística, o que pode soar indiferentes para alguns, mas que num movimento de linguagem representa muito para o campo científico do jornalismo, ao amarrar, mesmo que normativamente, as conversações sobre convergência a prática jornalística, um estreitamento necessário.

Indo para 2016, de sete dissertações, duas usam a convergência em seus trabalhos. Oliveira (2016) no capítulo “Expressão dos movimentos sociais em rede” trata dos grupos sociais e uso da internet majoritariamente como aliada; cita a ‘convergência’ para falar de ‘hipermídia’ em sites, blogs e redes sociais, do uso de diferentes ‘plataformas digitais’ para ampliar o contato com o público via interatividade, ‘cultura de convergência’ e das ‘multiplataformas’. Chagas (2016) Cita a ‘convergência’ para se referir ao uso de estratégias pelos jornalistas que levam o público de um formato de produto para outro através de chamadas para sites e redes sociais; traz nas referências bibliográficas textos que discutem a convergência no radiojornalismo.

Em 2017, de nove dissertações, três entram na discussão sobre o conceito. Reis (2017) no capítulo 4, “O Lugar da Cultura nos Diários Maranhenses”, dentro do intertítulo “4.5 Agendamento e tematização da cultura nos diários maranhenses” cita o conceito relacionado a rotina produtiva do jornalismo, que estabelece a elaboração e distribuição de conteúdo para múltiplas plataformas, mediante a linguagem própria de cada uma. Brito (2017) no capítulo 3 “O Rádio e as Abordagens Jornalísticas” cita o ‘processo de convergência midiática’ baseado em Lopez (2010). E, Ribas (2017), durante o capítulo 4 “O Jornalismo no Século XXI e Reconfigurações” cita o processo de ‘convergência dos meios de comunicação’ que adotaram para acompanhar a criação de novas ferramentas para o compartilhamento de informações; indica que se trata de novas formas de interação com as notícias, da dinâmica das redações que implicam ao profissional conhecer novas estruturas de criação e divulgação de informações, usando Barbosa e Nogueira (2013).

No ano de 2018, de seis dissertações, uma foi selecionada. Santos (2018) no capítulo 2 “Arranjos Econômicos e Práticas de Governança no Financiamento Coletivo Brasileiro, dentro do intertítulo “Jornalismo Pós-Industrial”, debate a reconfiguração do Jornalismo nos últimos anos apoiado em Jenkins (2009) citando a circulação de conteúdos, participação dos consumidores, discussões e processos adotados para otimizar resultados e estabelecer interação com o leitor como características, também se apoia em Bronosky (2014), Belda (2014) e Soria (2014).

Em 2019, de 10 trabalhos apenas um entra na discussão, nas também Sabino (2019) é o primeiro pesquisador do Programa da UEPG a citar o conceito de ‘convergência’ como um dos debates centrais da dissertação e pontuar isso nas palavras-chave, resumo e sumário; também o segundo a usar o conceito de ‘convergência jornalística’ em sua pesquisa, depois de Santos (2015).

Passando para 2020, de cinco dissertações, duas abordaram a convergência. Luz (2020) no capítulo 6 “Convergência Jornalística” o pesquisador discute a ascensão tecnológica e alteridade de mídia a partir da ‘convergência’. E Cantuária (2020) que na sua introdução e no capítulo 1 “O uso da tecnologia no fazer jornalístico” cita e assenta amplamente a discussão a partir do conceito de ‘convergência jornalística’. Entre 2021 e 2022 foram defendidas 6 dissertações e apenas uma abordou a temática. Rocha (2021) no capítulo 1 discute o ‘jornalismo imersivo’ como conceito, cita então o conceito de ‘convergência’, que à primeira vista parece ser o guarda-chuva principal que abriga o debate do pesquisador. No ano de 2022 o Programa da UEPG teve somente uma defesa.



---

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo Pós-Industrial. **Revista de Jornalismo ESPM**, v. 2, n. 5, p. 30-90, 2013.
- BRONOSKY, M. CABRAL, L. 25 anos de teses e dissertações brasileiras sobre jornalismo na internet. **E-Compós**, 25, 2022.
- BUCCI, E. Ciências da Comunicação Contra a Desinformação. In: PRATA, N.; ANDRÉ, H.; MATOS, S. **Ciências da comunicação contra a desinformação**. São Paulo: Intercom, 2023. p. 17-49.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 10 jul. 2023.
- CASTELLS, M. **Comunicación y Poder**. Alianza Editorial, S. A., Madrid, 2009
- FIDALGO, J. Jornalistas e saberes profissionais. **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**: Natal, RN. I Colóquio Brasil-Portugal de Ciências da Comunicação, 2008.
- GADINI, S. “Dilemas da Pesquisa no Jornalismo Contemporâneo”. Da abrangência midiática à ausência de métodos específicos de investigação. **III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**: Florianópolis, 2005.
- GROTH, O. “A tarefa da pesquisa científica sobre a cultura”. In: GROTH, O. **O poder cultural do desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- KAKUTANI, M. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa São Paulo, 1999
- MACHADO, E. Dos Estudos Sobre Jornalismo às Teorias do Jornalismo (Três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento). **E-Compós**, v. 1, n. 1, 2004.
- PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Estudos de Jornalismo e Mídia**. v. 1, n. 2, 2004.
- PONTES, F. S. **Teoria e história do jornalismo**: desafios epistemológicos. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.
- RAMÍREZ, D. Journalism in the attention economy: the relation between digital platforms and news organizations. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 4-27, dez. 2021.
- SALAVERRÍA, R. “Digital journalism: 25 years of research. Review article”. **El profesional de la información**, v. 28, n. 1, 2019.
- SANTAELLA, Let. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SIMON, F. M. Uneasy Bedfellows: AI in the News, Platform Companies and the Issue of Journalistic Autonomy. **Digital Journalism**, v. 10, n. 10, p. 1832–1854, 26 nov. 2022.
- TOFF, B. *et al.* What we think we know and what we want to know: perspectives on trust in news in a changing world. **Reuters Institute for the Study of Journalism**. Oxford: 2020.
- TRÄSEL, M.; LISBOA, S.; VINCIPROVA, G. R. Post-truth and trust in journalism: an analysis of credibility indicators in Brazilian venues. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 3, p. 452–473, 30 dez. 2019.



---

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Estrasburgo: Council of Europe, 2017.

XAVIER, C. PONTES, F. As características dos jornais como poder cultural: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth. **Intercom**. São Paulo, v. 42, n. 2, p.35-49, maio/ago. 2019.

ZARZALEJOS, J. A. Comunicação, Jornalismo e 'fact-checking'. **Uno**, v.1, n.27, p. 11-13, 2017.